

# O ESPÍRITO DA ALDEIA

## ORGULHO FERIDO E VAIDADE NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE GILBERTO FREYRE

*Vanity and pride are different things, though the words are often used synonymously. A person may be proud without being vain. Pride relates more to our opinion of ourselves, vanity to what we would like others think of us.*  
Jane Austen, 1813

Luiz Antonio de Castro Santos\*

"Que foi que você sentiu quando soube que havia nascido no Brasil?" — perguntava em 1961 Don Rossé [sic] Cavaca, autor de *Um Riso em Decúbito*. O propósito do presente trabalho é submeter a pergunta do humorista a Gilberto de Mello Freyre, o sociólogo pernambucano que marcou a vida cultural do Brasil durante a maior parte do século XX. Para apontar, não as possíveis respostas de Gilberto Freyre, mas o impacto que a pergunta embaraçosa teria sobre ele, procurarei demonstrar que todo o processo de construção de sua identidade, como um dos intelectuais mais sensíveis deste país, esteve preso à tensão permanente entre a vida vivida no exterior e o nascimento no "território miúdo" do Brasil. E mais, procurarei demonstrar que esta forte tensão fez com que, em seus quase noventa anos de existência, vida e obra estivessem intimamente relacionadas, e de maneira surpreendente. Não traçarei uma história de vida, mas indicarei como esta se entrelaçou com a própria integridade (inteireza, densidade) da obra gilbertiana, através de um narcisismo individual insidioso. Esse sentimento desmedido, por sua vez, resultou de um "modo de olhar" provinciano — o espírito de aldeia —, que primeiro fez brotar em Gilberto uma admiração incontida pela vida intelectual das metrópoles internacionais, para depois produzir nele um comportamento defensivo e recolhido, de tipo narcisista, diante da "inferioridade" experimentada em relação àquelas metrópoles.

No *plot* desse artigo há dois personagens convidados — Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, cujas carreiras irei examinar em contraponto à de Freyre. Mais à frente, a análise irá sugerir sob que ângulo, precisamente, a carreira de Gilberto Freyre foi "malsucedida" em uma segunda fase, à luz da sólida trajetória de seus companheiros de geração. Para demarcar a ocorrência de um ponto de ruptura na trajetória gilbertiana, proponho neste trabalho a distinção entre o "primeiro" e o "segundo" Gilbertos — marcando, respectivamente, as fases de luz e sombra de sua obra.

Utilizo a expressão personalidade narcisista no sentido da presença predominante do sentimento da " vaidade " em relação ao " orgulho ". O sentimento de orgulho refere-se ao amor-próprio ou à auto-suficiência, que decorrem da certeza da "aprovação" por parte dos grupos de referência — os *generalized others* de

(\*) Em versão preliminar apresentei este trabalho no Encontro da ANPOCS — Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais —, realizado em outubro de 1989, em Caxambu, Minas Gerais. Nesse Encontro, devo sugestões valiosas aos colegas do Grupo de Trabalho sobre Pensamento Social no Brasil, particularmente a Mariza Peirano e Ricardo Benzaquen de Araújo.

George H. Mead<sup>1</sup>. Gilberto certamente experimentou orgulho em suas "inesquecíveis aventuras" e conquistas de estudante no exterior<sup>2</sup>, que culminaram com o grande sucesso de seus primeiros livros, publicados no Brasil. (Mas foi ainda nestes tempos do primeiro Gilberto, como se verá, que os sinais iniciais de orgulho ferido se revelaram.) O Narciso Gilberto — da segunda fase — dedicava-se à autocontemplação para defender-se de impulsos agressivos<sup>3</sup>, seja em relação aos meios intelectuais estrangeiros, cujas homenagens aparentemente nunca saciaram seu desejo de reconhecimento, seja em relação aos colegas brasileiros, que via de regra o espezinhavam, ou pior, o ignoravam. Assim, procurarei mostrar que a construção da identidade intelectual de Gilberto Freyre foi marcada pela passagem do sentimento (preponderante) do orgulho ao da vaidade<sup>4</sup>.

O narcisismo é tema controverso e pouco debatido nas ciências sociais. Afora os comentários dos interacionistas simbólicos e de críticos como Christopher Lasch, insatisfatórios para os objetivos deste trabalho, há outras pistas que focalizam menos a personalidade narcisista que os ingredientes da vaidade, seu sintoma incontestável, e do orgulho, um falso sintoma. Sobre a vaidade, há a nota irônica de Hannah Arendt, para quem o escritor vaidoso incorre, por assim dizer, em quebra de etiqueta. É como se as regras que valem, por exemplo, para a arte da conversação, devessem também valer para o relacionamento do autor com sua obra e seu público. Diz Arendt: "nem a vaidade nem a necessidade de adoração incluem-se entre os pecados mortais; mas são, ambas, conselheiras insuperáveis quando alguém pedir sugestões para fazer-se de tolo"<sup>5</sup>.

Entretanto, H. Arendt não esclarece o enlace possível entre envaidecimento e debilidade da produção intelectual. Tampouco o faz Simmel, em conhecido texto sobre o ornamento. Mas aponta, em duas páginas, os nexos existentes entre vaidade e "adorno de bijuteria", por um lado, e orgulho e "adorno autêntico", por outro<sup>6</sup>. Vistas por este prisma, as razões para a ironia de Hannah Arendt parecem revelar-se: afinal, o autor vaidoso é tolo porque se deixa atrair por bijuterias, pelo "troco miúdo dos prêmios, galardões e honradas" (Arendt, *op. cit.*, p. 104). Segundo Simmel, o orgulho, a rigor, desdenha o adorno em todas as suas formas; mas é na analogia entre a jóia autêntica e sua imitação que reside a oposição mais sugestiva entre o orgulho e a vaidade. "O adorno de bijuteria só vale pelo serviço que momentaneamente presta a seu portador. O valor do adorno autêntico vai mais além; tem raízes nas idéias de valor de todo o círculo social, e ramifica-se nelas", nutrindo-se deste solo "supra-individual". Ou por outra: se orgulho e vaidade compartilham a aparência imediata de um adorno — um "valor para os outros" —, o orgulho reflete, ademais, um valor para si, característica adicional que distingue, analogamente, a jóia autêntica da falsa. É para esta distinção entre as "tendências centrípeta e centrífuga" dos sentimentos que aponta a epígrafe de Jane Austen. Finalmente, a tendência centrípeta ("para si") presente no orgulho pode ser considerada mais estável ou rígida em relação à tendência mais instável e transitória do ser para os outros. É esta instabilidade que torna a pessoa vaidosa "mais dependente dos outros para construir a concepção de si própria"<sup>7</sup>.

Então a literatura sociológica não é muita, nem generosa, quando trata do Narciso-intelectual: reserva-lhe o papel de tolo, e enfeita-o com balangandãs. No entanto, as relações entre a personalidade narcisista e a construção (demolição) de um projeto intelectual constituem um tema ainda por explorar, e o presente texto é uma tentativa nesse sentido.

Propõe-se, aqui, que além de "tolo" e mestre em futilidades e aparências, o Narciso em país periférico tem diante de si uma trajetória de alto risco: desper-

(1) Ver Susan Shott, "Emotion and Social Life: A Symbolic Interactionist Analysis" *American Journal of Sociology* (84) nº 6, maio de 1979, esp. pp. 1326-1327.

(2) As palavras entre aspas — a ambigüidade é do Autor, não minha — estão no livro testemunho de Gilberto Freyre, *Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo*. Brasília, UnB, 1968, p. 83.

(3) Para uma conceituação de "narcisismo", cf. Christopher Lasch, *Culture of Narcissism: American Life in An Age of Diminishing Expectations*. N. York, Warner Books, 1979, pp. 73 e 78.

(4) Em contraposição, sugiro que a auto-imagem de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior fundou-se na moderação das expectativas de prestígio internacional, e na escolha estrategicamente bem-sucedida de outros-significativos diferenciados: a comunidade intelectual brasileira, quanto à difusão de suas obras, e a comunidade estrangeira, quanto à adoção dos cânones de trabalho científico. Gilberto Freyre, por sua vez, adotou a comunidade internacional como grupo de referência nas duas situações descritas. É provável que as dificuldades com a crítica brasileira tenham contribuído para a escolha tão abrangente da comunidade internacional.

(5) H. Arendt, *Men in Dark Times*. N. York, H.B. Jovanovich, 1968, pp. 99 e 104 (minha tradução).

(6) Georg Simmel, *Sociologia: Estudios sobre las Formas de Socialización*. Vol. I. Madrid, Revista de Occidente, 1977 (1908). Ver esp. pp. 390-391.

(7) S. Short, *op. cit.*, p. 1326.

diçar talento e ciência no esforço de conquistar a aprovação e a notoriedade dos *outros significativos* do exterior. Em caso de insucesso, o resultado será o ressentimento profundo e corrosivo. Como se verá, não foi outra a trajetória — descendente — percorrida por Gilberto Freyre na segunda metade de sua vida<sup>8</sup>.

### O primeiro Gilberto: vida e obra

Para alguém como Gilberto Freyre, que saboreava efemérides e comemorações, sua morte não poderia ter ocorrido em um ano qualquer. Gilberto morreu precisamente no ano do cinquentenário de lançamento de seu belo livro *Nordeste* (*Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil*), publicado pela José Olympio em 1937, no Rio de Janeiro. *Nordeste*, *Casa-Grande & Senzala* (1935) e *Sobrados e Mucambos* (1936) foram, a meu ver, seus mais importantes livros: todos escritos com corte sociológico, antropológico e sócio-histórico, todos retratando a formação da sociedade brasileira (a partir de seu embrião nordestino...), todos reveladores de análises e intuições sempre penetrantes (ainda que, não raro, incorretas), todos escritos e publicados durante os fecundos anos 30 do pensamento social brasileiro. Nos três livros, Gilberto revelava sua capacidade de varrer teses da moda, como o determinismo biológico, herança darwinista do século XIX. Ao derrubar tais preconceitos, colocava em seu lugar hipóteses fecundas sobre o modo pelo qual se organizara a sociedade brasileira — segundo pensava, ela resultara de processos dinâmicos de interpenetração do escravismo, do sistema de produção da "monocultura latifundiária" e do "patriarcalismo polígamo" que caracterizava a organização social e sexual do Brasil antigo. Sobre estes três eixos, dizia, construía-se o país<sup>9</sup>. Hipótese fecunda por certo, mas — no conhecido estilo gilbertiano — já trazia seus vícios de origem. Os efeitos perversos de seus equívocos se fizeram sentir particularmente quanto ao último tema, o do patriarcalismo multirracial. Generalizou-se a todo o pensamento "oficial", a partir da década de 30, a concepção equivocada de que a "miscibilidade" das raças formadoras da população teria viabilizado a democracia racial em nosso país<sup>10</sup>.

O que desejo sugerir é que conquistas e tropeços sempre espetaculares foram a marca de suas obras principais. Gilberto nunca erra ou distorce "um pouco": quando tropeça, estatela-se. Quando avança, provoca uma guinada nas idéias de seu tempo. Neste ou naquele tema — por exemplo, na análise do mundo senhoriais — passa a haver um divisor de águas, um antes e depois de Gilberto.

### Entre a província e a matriz

Parece-me difícil entender o sentido mais profundo da obra de Gilberto Freyre durante os anos 30 sem considerar sua carreira pessoal. Sua aventura no exterior deu-se em dois tempos. No primeiro, o impacto frente à vida universitária norte-americana: a saída do Recife em 1918, o mestrado em Columbia aos vinte e dois anos, os estudos com Boas, as viagens pelos Estados Unidos e Canadá, Alemanha e Inglaterra. Sobre esse período, particularmente sobre o choque cultural sofrido nos Estados Unidos, escreve Darcy Ribeiro: oprimido pelo "peso impe-

(8) Há, é claro, exemplos numerosos de intelectuais bem-sucedidos na própria periferia, que são verdadeiros "poços de vaidades". Estes escolheram a rota de menor risco: são estrelas em busca do brilho nacional. Ainda que lhes caiba a carapuça de H. Arendt e de Simmel, a discussão desses casos é irrelevante para meu argumento.

(9) Ver, a respeito, meu trabalho "A Casa-Grande e o Sobrado na Obra de Gilberto Freyre", em *Anuário Antropológico*/83. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro e Un. Federal do Ceará, 1985.

(10) Contrapondo-se a esta visão equivocada, muita gente meteu-se em brios para demonstrar — a partir da investida certeira de Florestan Fernandes e Roger Bastide em *Branços e Negros em São Paulo* (1959) — que miscigenação e democracia racial não guarda(va)m entre si a relação "salvadora" apontada por Freyre.

rial" de outra cultura, "e sentindo-se diminuído por vir de um mundinho sem importância, Gilberto Freyre identifica-se, compensatoriamente, com o mundo hispânico, buscando nas grandezas da Espanha valores de que pudesse orgulhar-se"<sup>11</sup>. Essa observação é da maior relevância. Darcy Ribeiro revela, aqui, o modo pelo qual o jovem Freyre procurava firmar sua identidade, fincando-a nas raízes hispânicas, diante de um mundo cultural em que o Brasil "não conta", em que apresentar-se como brasileiro produz no "outro" reações de surpresa e pouco caso: "Ah, yes, from Brazil?", indagou vagamente o poeta hindu Tagore ao jovem pernambucano, durante um chá oferecido pelos estudantes da universidade de Columbia<sup>12</sup>.

Gilberto retornou em 1923 ao Brasil, e logo tomava pé na vida política de seu estado. A partir de 1926 assumiu a chefia de gabinete do governador Estácio Coimbra, usineiro e porta-voz dos interesses do açúcar. Veio a Revolução e, colhido do lado dos oligarcas vencidos, ocorreu-lhe, em outubro de 1930, "a aventura do exílio"<sup>13</sup>. Esta segunda ausência de seu país durou cerca de um ano, com passagens por Lisboa e pela Universidade de Stanford, na Califórnia. De volta ao Brasil, fixou-se no Recife. Gilberto tinha então trinta e um anos. Esta experiência no exterior marcou-o diferentemente da primeira: não ocorrera, desta vez, o choque ou o deslumbramento com as "culturas imperiais". Gilberto estava em casa.

Passo agora a explorar mais detidamente estes aspectos de sua trajetória pessoal. Parece-me que o segundo período fora do país completa ou complementa o primeiro, encerrando o processo de descoberta do "outro civilizado" na vida do jovem mestre de Columbia.

Retomemos rapidamente o primeiro tempo de ausência e retorno. (Acréscitarei, em seguida, outras indicações sobre o período.) Foi este o estágio de desorientação inicial de Gilberto frente ao "mundo civilizado". Ao retornar, refeito do choque civilizatório através dos mecanismos de compensação já citados, enfrentou então dificuldades para adaptar-se ao seu próprio meio, à vida provinciana que deixara aos dezoito anos. As raízes ibéricas — a cultura peninsular — voltavam, agora paradoxalmente, a operar de modo compensatório, pois Gilberto não estava em casa! Ele irá, então, reaclimatar-se ao trópico construindo uma identidade plástica, mistura de conquistador mouro e aristocrata português "de origem nórdica" (*sic*). Por um lado, levou vida de aristocrata que se acomoda ao outro que lhe é inferior, que assimila, que se deixa impregnar de outras culturas e modos de vida. É nesse sentido que Freyre, que gostava de realçar suas características "não-aristocráticas" de pele amorenada, curtida nos trópicos<sup>14</sup>, e apregoar a facilidade com que ganhava a estima de seus companheiros europeus, estudantes da Oxford "verdadeiramente" aristocrática, passou a cultivar a dimensão plástica de sua personalidade. Para isso, procurou valorizar a cultura do negro brasileiro, familiarizando-se com ela, percorrendo os mocambos de Recife, viajando pelas áreas do interior mais pobre de Pernambuco, Alagoas e Paraíba. Nesse intuito de reforçar ares e hábitos não-aristocráticos, Gilberto experimentou a maconha com canoeiros alagoanos, conquistou uma amante "negríssima", freqüentou terreiros de macumba etc<sup>15</sup>. Por outro lado, assumiu a postura do aristocrata à *la lettre*: penetrou, como já assinalai, no círculo restrito da política regional; para manter certo distanciamento da vida da província, cultivou hábitos refinados de leitura: lia Proust, Rilke, Unamuno. Quanto à outra província — S. Paulo —, nutriu desconfiança em relação a seu movimento modernista (excessivamente demolidor?), mas entregou-se sem reservas à acolhida de representantes da velha aristocracia paulista, como Paulo Prado.

(11) Ver "Biocronologia", em *Ensaio Insólito*, Porto Alegre, L & PM Editores, 1979, p. 98.

(12) O encontro com Tagore está relatado em *Relatos de Jornais Velhos* Rio, 1964, e em *The Gilberto Freyre Reader*, tradução de Seleta para Jovens por Barbara Shelby, N. Iorque, Alfred A. Knopf, 1974, pp. 206-207, de onde extrai a citação, pela dificuldade de localizar o texto original.

(13) "Prefácio à primeira edição", *Casa-Grande & Senzala*, Rio, José Olympio, 1946, p. 15.

(14) "Você parece um hindu", disse-lhe Rabin-dranath Tagore no chá de acolhida ao poeta indiano, em Nova York, antes de saber, por Gilberto, que este era brasileiro. (Ver nota 12)

(15) Tudo isso, relatado por Darcy Ribeiro, *op. cit.*, pp. 99-101.

Isso em relação ao primeiro tempo de sua trajetória pessoal, pré-*Casa-Grande & Senzala*. Mas passemos a 1930. Freyre já acertara as contas com seu passado, já se ajustara plasticamente ao mundo da província, depois do primeiro banho civilizatório no exterior. Quando vem a Revolução de Outubro e o governo de Estácio Coimbra desmorona em Pernambuco, a posição de Gilberto como chefe de gabinete do governador força-o, de novo, a abandonar o país. Nesse momento, como já indiquei, é que lhe ocorreu a "aventura do exílio". A meu ver, ocorreu-lhe na verdade a ventura do exílio. Se o ajustamento à província esteve longe de ser penoso, o "exílio", certamente, não foi. O primeiro contacto com os Estados Unidos e a Europa, ele bem o sabia, já o adestrara como intelectual sofisticado, como cidadão do mundo das letras. Totalmente à vontade nos Estados Unidos, ele se instalou como professor-visitante na Universidade de Stanford, já com o propósito de escrever um ensaio sobre o Brasil. Fez uma viagem pelo Deep South, observando contrastes e semelhanças entre aquela região, de passado escravocrata e ainda visceralmente racista, e o seu Nordeste. Se não era um igual, já aprendera a tirar proveito da desigualdade, como um mouro em terra de louros, como um intelectual dos trópicos sobejamente versado na cultura hispânica, como um herdeiro da fusão "feliz" dos trópicos com uma cultura européia, rica e secular<sup>16</sup>. Em resumo, Gilberto construíra durante pouco mais de dez anos, desde os primeiros tempos nos Estados Unidos, uma personalidade de múltiplos recursos e à prova de choques culturais — viessem eles das regiões abaixo ou acima do Equador.

(16) Daí a noção que Freyre batizou de "lusotropicalismo", conceito tão fluido que jamais se firmou na sociologia brasileira, sequer na de seu próprio autor.

### A produção de um mestre

Em fins de 1931 estava de volta a Recife. Dois anos depois, publicava *Casa-Grande & Senzala*, o primeiro acerto de contas de Gilberto Freyre com as questões que sempre o instigaram, e que procurou, até então, resolver apenas no plano pessoal — afinal, quem somos? Que papel jogamos, como brasileiros, no mundo ocidental "civilizado" e "culto" dos anos 30? Que legado histórico-social — ou "racial" — trazemos em nossa bagagem? O jabuti conseguirá entrar na festa do céu, organizada por poucas e poderosas nações?

Em resposta, *Casa-Grande & Senzala* e os ensaios subsequentes dos anos 30 e 40 propunham uma nova interpretação do Brasil: à diferença dos darwinistas sociais, que nas respostas àquelas questões desesperavam qualquer remédio para os males da nação, a visão gilbertiana acenava com as possibilidades abertas por uma formação histórica assentada na diversidade cultural de sua população, na "plasticidade" do tecido social e político, na "miscibilidade" social e racial que o impacto de uma colonização a um tempo européia e oriental (a herança muçulmana...) <sup>17</sup> tornara possíveis. Isto, sem o ufanismo e as fanfarrices de um Afonso Celso. Ao contrário, em sua reinterpretação do Brasil, Gilberto desentranhava as principais mazelas do país (como "a monocultura desbragada", "o mandonismo dos proprietários de terras e escravos", o "nepotismo", "o exagerado privatismo") e via nelas os obstáculos difíceis que o país teria de enfrentar para "civilizar-se". Como se fora uma "China tropical", o país só teria lugar na festa civilizada do céu como penetra <sup>18</sup>.

Vejamos mais de perto este livro excelente que é *Nordeste*. Escrito de modo tão saboroso quanto *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, tem a

(17) Sobre o orientalismo em Gilberto Freyre, consultar o instigante "In Memoriam, Gilberto Freyre (1900-1987)", de Ricardo Benzaquen de Araújo, em *Dados — Revista de Ciências Sociais*, 30 (2):131-134.

(18) Ver, por exemplo, *Casa-Grande & Senzala*. Rio, José Olympio, 1946, pp. 354, 429. Para os propósitos do presente trabalho, não cabe aqui uma avaliação crítica das interpretações de Gilberto Freyre, que procurei fazer em outro trabalho. (Ver nota 9)

vantagem de ser mais compacto e tematicamente mais bem organizado do que aqueles. Quanto às interpretações, não traz o vizo da "sociologia genética" presente naquelas obras, do traço evolucionista que ainda aflora aqui e ali, subrepticiamente, no jogo de braço com o legado de Lamarck e Darwin. É, ademais, um genuíno manifesto ambientalista<sup>19</sup>. Gilberto denuncia, nesse ensaio, a degradação ambiental promovida pela "civilização do açúcar", especialmente pela monocultura; degradação que se refletiu na destruição das matas, no empobrecimento dos solos e na contaminação dos rios pelos resíduos das usinas. (Veja-se o capítulo sobre "A cana e a água".) Se *Nordeste* nos traz este e outros elementos renovadores, não o faz sem percalços. Quando parece assestar uma crítica severa à elite nordestina e à sociedade iníqua que criou, lá vem Gilberto, maneiroso, como quem se desculpa: "Mas foi justamente uma civilização nordestina do açúcar — talvez a mais patológica, socialmente falando, de quantas floresceram no Brasil — que enriqueceu de elementos mais característicos a cultura brasileira. O que nos faz pensar nas ostras [doentes] que dão pérolas" (pp. 176-177). Puro Gilberto, safra anos 30. Época em que, por avanços e recuos, ele procurava livrar-se do pesado fardo do pensamento naturalista, racista e evolucionista, por um lado, e, por outro, do ufanismo patrioteiro e do europeísmo, do gosto pela retórica e pelo argumento doutrinário, que sua geração e a anterior cultivavam. Mas sempre cuidando de virar a página bem devagar, para isso matizando suas afirmações, temperando seus argumentos com a poção da fantasia e do conservadorismo.

O esforço de eliminação do pensamento naturalista, para o qual o Brasil não teria vez frente aos países de "raças superiores", e do ufanismo, segundo o qual já éramos uma "raça de gigantes", esteve presente em toda a obra gilbertiana dos anos 30 e na produção da década seguinte (penso, por exemplo, em *O Mundo que o Português Criou*, de 1940, e *Interpretação do Brasil*, este escrito originalmente em inglês, em 1945). Nesses últimos ensaios Freyre traça um diagnóstico do "processo civilizatório" e da construção da identidade nacional, apontando as perspectivas e possibilidades de sua consolidação no Brasil pós-30. A receita para o revigoração daquele processo e do sentimento da nacionalidade, já se sabe, era a adoção do lusotropicalismo, administrado como uma espécie de tônico ou fortificante da nação. Independentemente da engenhosidade do diagnóstico e da inocuidade da terapia — cuja avaliação escapa aos propósitos deste trabalho —, desejo salientar que Gilberto alcançou, no plano do "projeto para o Brasil", o que já realizara no plano pessoal. Com os ensaios dos anos 30 e 40, apontava os (des)caminhos de uma nação jovem que se quer afirmar diante de si e internacionalmente, depois de ter, o próprio Gilberto, percorrido os caminhos da afirmação pessoal, como intelectual da província em confronto com o meio intelectual mais sofisticado dos Estados Unidos e Europa.

### Companheiros de viagem

Antes de retomar a trajetória intelectual de Gilberto a partir de seu regresso definitivo ao Brasil, devo situá-lo, ainda que de modo breve, em relação a outros intelectuais de projeção em seu tempo.

Ao final da década de 30, Gilberto era um autor consagrado no país. A melhor crítica brasileira já apontou quem eram, nessa época, os autores cujo êxito na elaboração de grandes painéis interpretativos aproximava-os de Gilberto. Seus

(19) No sentido proposto por Eduardo J. Viola em "O Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do Ambientalismo à Ecopolítica", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 3(1), esp. pp. 13-17.

nomes: Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Mas outras características, sob o ângulo da trajetória pessoal, eram comuns aos três intelectuais. Tanto Sérgio Buarque como Caio Prado lançaram-se à aventura cosmopolita em épocas bastante próximas: o primeiro viveu na Alemanha em 1929-30, o segundo exilou-se na França por dois anos, em 1937. Ambos lançaram os grandes marcos de suas carreiras intelectuais alguns anos depois do retorno ao Brasil. (*Raízes do Brasil*, de Sérgio, publicado no Rio de Janeiro em 1936, e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio, publicado em S. Paulo em 1942, foram obras de forte impacto no panorama cultural do país — "clássicos de nascença", no dizer de Antonio Candido<sup>20</sup>.)

Os anos vividos no exterior fortaleceram neles a preocupação pelas questões nacionais, e, particularmente em Sérgio, a procura de novos instrumentos analíticos e de interpretação da realidade brasileira. Sobre ele escreve Antonio Candido, em artigo cujo título é por si só revelador — "Sérgio em Berlim e Depois": "Esse ano e meio foi tão importante na sua vida intelectual que muitos pensam que ficou mais tempo"<sup>21</sup>. De volta ao Brasil — ao Rio de Janeiro, de onde viajara para Berlim como correspondente de um jornal carioca —, maturou durante alguns anos "Corpo e Alma do Brasil", pequeno ensaio cujo título já prenunciava, em 1935, a força interpretativa e a preocupação generalizadora presentes em *Raízes do Brasil*, publicado um ano depois. 1936 foi um ano fecundo para a produção de novos "retratos do Brasil", pois nesse ano em que a editora José Olympio lançava no Rio o clássico de Sérgio Buarque de Holanda, a Companhia Editora Nacional publicava em S. Paulo *Sobrados e Mucambos*, a segunda obra inspirada de Gilberto Freyre.

Quanto a Caio Prado Júnior, seus anos de exílio foram de militância e de solidariedade junto aos emigrados espanhóis, que recebiam apoio dos comunistas franceses. Tanto o exílio como o retorno a seu país decorreram de obstáculos à ação política: no Brasil, a prisão de Caio e o fechamento da Aliança Nacional Libertadora, de que era um dos líderes em S. Paulo, forçaram-no ao exílio; na França, o prenúncio de uma II Guerra Mundial apressou a viagem de retorno. De volta, três anos depois Caio publicou, em 1942, em S. Paulo, *Formação do Brasil Contemporâneo*.

### *Modus in rebus*

Do que se expôs já se vê que a comparação entre Gilberto, Sérgio e Caio deve ser matizada. Sem deixar de lado a importante experiência internacional partilhada por todos, durante os anos vinte e trinta, será mais sugestivo compará-los dois a dois. Considere-se, primeiramente, Gilberto e Caio. Suas carreiras foram marcadas pela experiência comum do "primeiro alumbramento" diante do impacto da viagem ao exterior, ainda muito jovens. É nessa passagem de suas vidas, mais do que nos anos 30, que se pode observar um estreito paralelismo entre as duas biografias. Refiro-me à primeira viagem de Gilberto, aos dezoito anos de idade, e às viagens de Caio — aos treze anos, para estudar em um colégio inglês, e aos dezoito, para conhecer o Oriente Médio. A estas seguiram-se outras viagens pelo interior do Brasil, quando de seu regresso — o que faz lembrar o itinerário percorrido por Gilberto, de volta a Recife. Comentando o efeito que tantos lugares tiveram sobre a vida e a obra de Caio Prado, escreve Maria Cecília Naclério

(20) Diferentemente de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior já lançou um livro — também um pequeno clássico — antes de sua ausência prolongada no exterior: *Evolução Política do Brasil*. Entretanto, sem reduzir a importância desse ensaio pioneiro de interpretação marxista no Brasil, Fernando A. Novais situa a *Formação do Brasil Contemporâneo* como "o ponto mais alto de sua obra historiográfica", pela tensão fecunda entre o método da investigação e o da exposição, pela riqueza dos resultados analíticos etc. Ver Fernando A. Novais, "Caio Prado Jr. na Historiografia Brasileira", em R. Moraes et al., orgs., *Inteligência Brasileira*, S. Paulo, Brasiliense, 1986.

(21) Ver o trabalho de A. Candido em *Novos Estudos Cebrap* 1 (3), julho de 1982, pp. 4-9. A citação é da página 5.

Homem: "A visão que teve marcou-o profundamente. Assombrou-se com a miséria e o subdesenvolvimento discrepante dos países considerados *modelos do capitalismo industrial*. [...] Costuma dizer que foi naquele instante que despertou para os problemas brasileiros, e daí para os porquês e para as soluções" (o grifo é meu)<sup>22</sup>. Esta preocupação de Caio Prado Júnior com a questão nacional, com o "quem somos" de Gilberto Freyre, aflorou, portanto, anteriormente ao exílio em 1937.

Quanto a Sérgio e Gilberto, as viagens que fizeram, já adultos (o primeiro com vinte e sete, o segundo com trinta anos de idade), permitem situá-los através de um denominador comum: o mergulho revigorante em meios culturais mais ricos que o brasileiro. Essa experiência provocou neles — jovens intelectuais já respeitados em seu próprio país — o desafio de produzir uma obra que revelasse, a um tempo, familiaridade com os procedimentos de pesquisa e análise de dados, em voga nos centros internacionais de prestígio, e folego interpretativo, ao gosto europeu. Já assinalai, de passagem, as condições propícias encontradas por Gilberto em Stanford, em sua segunda "aventura" no exterior, bem como a viagem ao Deep South. Basta acrescentar o testemunho do Autor:

*Foi na Universidade de Stanford que tomou corpo o meu projeto [...] que se intitularia Casa-Grande & Senzala: um livro que fosse uma nova reconstituição, uma nova interpretação de uma sociedade [...]. Impossível [...] esquecer-me dos dias que passei [na] acolhedora Stanford: foram dias decisivos para o planejamento do livro projetado.*<sup>21</sup>

Foi como professor-visitante que Freyre pôde lançar mão da excelente Brasileira daquela universidade, dando seqüência às pesquisas que apenas iniciara, em 1926, na Catholic University of Washington, D.C., na coleção Oliveira Lima. Mas não se limitaram a Stanford os incentivos para a elaboração do "livro ousado"<sup>24</sup>. Depois de encerradas as atividades docentes, visitou o sul dos Estados Unidos, "região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de escravo e de senzala que no norte do Brasil e em certos trechos do sul" e cujo conhecimento, dizia Gilberto, impunha-se "a todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do Brasil"<sup>25</sup>. Poucos meses depois Gilberto regressava ao Rio de Janeiro, onde prosseguiu a pesquisa das fontes nacionais, agora com base em documentos do Arquivo Nacional, da Faculdade de Medicina e da Biblioteca Nacional. Chegou a Recife no início de 1932, e logo pôs mãos a sua grande obra, terminada em 1933.

Toda a riqueza da experiência de Gilberto, como judeu-errante do mundo intelectual daquele tempo, pode observar-se na vida de Sérgio Buarque. Há, é claro — entre outras — uma diferença importante. A experiência internacional de Sérgio, até os anos 30, foi condensada; mas nem por isso menos marcante. Sua estada em Berlim, entre junho de 1929 e dezembro de 1930, revelou a conhecida vitalidade de Sérgio, que encontrou tempo para trabalhar numa revista bilíngüe de divulgação do Brasil, traduzir legendas de filmes, entrevistar intelectuais eminentes, freqüentar cursos universitários e ler vorazmente, de Meinecke a Sombart e Max Weber. E no meio dessa experiência múltipla e renovadora, como escreve A. Candido, Sérgio "imaginou um livro de interpretação da sua terra. Tinha vinte e oito anos, e *Raízes do Brasil* começava a germinar"<sup>26</sup>.

(22) Para esta e outras passagens sobre o Autor, consultei os depoimentos de Maria Cecília Naclério Homem, Heitor Ferreira Lima, Antonio Candido e Florestan Fernandes, prestados na Unesp, no campus de Marília, em maio de 1988, e reunidos por Maria Angela D'Incao em *História e Ideal: Ensaios sobre Caio Prado Júnior*, SP, Editora Unesp, Secretaria de Estado da Cultura de S. Paulo e Brasileira, 1989. A citação de M.C. Naclério Homem está na p. 47.

(23) G. Freyre, *Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo*. Brasília, UnB, 1968, pp. 129-130.

(24) *Ibid.*, p. 130.

(25) *Casa-Grande & Senzala*. Rio, 1946, pp. 16-17.

(26) A. Candido, *op. cit.*, p. 7.



## Talento e descompasso

O que ocorreu com a obra posterior dos três "inventores do Brasil"? Em uma palavra, pode-se afirmar que, enquanto Gilberto Freyre continuou, vida afora, a escrever prolificamente — sua produção é sem dúvida mais vasta do que a de Sérgio Buarque e Caio Prado —<sup>27</sup>, o vigor da interpretação, a capacidade de lançar novas luzes e indicar novas pistas para a compreensão da sociedade e da nação brasileiras, o modo talentoso de combinar escolas ou tradições distintas do pensamento sociológico moderno, o ensaio como vocação — tudo isso, em que era mestre, feneceu e empanou-se a partir dos anos quarenta da Gilberto. Considero *Interpretação do Brasil*, publicado em 1947 no Rio de Janeiro, o último de seus grandes livros. (Voltarei ao tema mais tarde.)

Em contraste, a produção de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, até o final de suas vidas, manteve-se inalterada no tocante a parâmetros fundamentais: na solidez do argumento e do acabamento formal<sup>28</sup>, na inteireza de cada obra e, finalmente, na integridade do conjunto da produção, que se constrói sobre a base firme dos escritos dos anos 30<sup>29</sup>.

### *O marxismo renovado de Caio Prado Júnior*

Quanto a Caio Prado, note-se que os livros que se seguiram a *Formação do Brasil Contemporâneo* — particularmente *História Econômica do Brasil* (1945), *Esboço dos Fundamentos da Teoria Econômica* (1957), *Notas Introdutórias à Lógica Dialética* (1959), *A Revolução Brasileira* (1966) e *História e Desenvolvimento* (1972)<sup>30</sup> — constituíram, cada um a seu tempo, mas respondendo a preocupações intelectuais e políticas de vida inteira, as peças de um conjunto coerente e de grande impacto sobre a vida política e acadêmica do país. *A Revolução Brasileira*, nesse sentido, foi peça fundamental do conjunto. Teve, ademais, papel crucial na consolidação do pensamento do Autor, ao realizar — como assinalou Marco Aurélio Garcia — "uma crítica demolidora da herança de um marxismo de corte nitidamente evolucionista"<sup>31</sup>. Ainda que certo economicismo tenha permanecido moeda-forte de suas interpretações<sup>32</sup>, neste livro Caio se renovava como intelectual e militante, ao dirigir severa crítica às teses dos comunistas brasileiros sobre a reforma agrária, ao conceito então corrente de revolução, e à cega importação de "modelos" pela esquerda<sup>33</sup>. Dois anos depois escreveu *História e Desenvolvimento*, tese preparada para assumir uma cátedra na Universidade de São Paulo, projeto de integração à Academia que nunca se concretizou. Era um ensaio compacto em dez capítulos, publicado em 1971. Nele, recuperava temas centrais de estudos anteriores, abordando o modo pelo qual conhecimento histórico e economia política devem combinar-se para a elaboração de uma "política de desenvolvimento para o Brasil" (Prado Júnior, *op. cit.*, p. 7). Se Caio Prado Júnior produzia, com as obras posteriores a *Formação do Brasil Contemporâneo*, novos e importantes marcos de sua biografia intelectual, consolidava também, *pari passu*, um marco do pensamento econômico e da historiografia de inspiração marxista no país.

(27) Compare-se a bibliografia dos autores em *Folha de S. Paulo*, 19/07/1987, p. A-16 (G. Freyre), *Revista do Brasil*, ano 3, Nº 6, 1987, Fundação Rio, pp. 146-147 (S. Buarque), e E. Matallo M. de Pádua, "Cronologia Vida/Obra de Caio Prado Júnior" [incompleta, LACS], em D' Incao, *op. cit.*, pp. 485-493.

(28) O equilíbrio entre os dois planos — entre "forma" e "fundo", para dizer simplesmente — foi prejudicado na produção mais recente de Gilberto Freyre, que se deixou seduzir pela maestria de sua própria escrita, em detrimento da densidade temática. Veja-se *Modos de Homem e Modos de Mulher* (Rio, Record, 1986), em que se revela de modo extremo a mera justaposição de textos curtos, saborosos é certo, mas que não se somam, por falta de uma arquitetura integradora. Esse ponto será explorado em trecho posterior.

(29) Já se disse, em favor de G. Freyre, que suas obras foram sempre intencionalmente "inacabadas", e que um de seus grandes passos foi, por isso mesmo, conduzir às ciências humanas o "ideal estético do inacabado ou incompleto, decorrente de uma visão heraclítica do mundo: a de que tudo flui" (E. Nery da Fonseca, "Um Homem no Meio de um Século: Gilberto Freyre, 1900-1987", *Ciência e Cultura* 39 (9), 1987, p. 801). Sem descartar a interessante sugestão, parece-me, entretanto, que ela conduz ao equívoco de nivelar obras de diferente grandeza. Penso, por exemplo, na distância que separa, quanto à força da argumentação, *Sobrados e Mucambos de Homens*, *Engenharias e Rumos Sociais* (Rio, Record, 1987). Nenhum dos textos "conclui" — ambos "fluem" etc. —, mas neste último Freyre deixa o leitor sem rumo, soterrado por dezenas e dezenas de nomes de autores e de citações. O argumento sobre o tom "inacabado" da obra gilbertiana na verdade pouco esclarece sobre discrepâncias tão grandes no interior da própria obra.

*O vigor da abordagem cultural*

A obra de Sérgio Buarque de Holanda, construída por caminhos distintos — Sérgio não se dedicou aos estudos econômicos, como Caio — esbanjou vitalidade depois dos anos de 1930. A qualidade de seus escritos revelou-se, continuamente, em sua produção historiográfica. Inicialmente, com *Monções*, de 1945 (Rio, Casa do Estudante do Brasil) e *Caminhos e Fronteiras*, de 1957 (Rio, José Olympio), Sérgio Buarque focalizou o tema da expansão do povoamento para o oeste (as "frotas de comércio" setecentistas, o confronto europeu-indígena no cenário de fronteira), em contraponto às interpretações de Gilberto Freyre: se este preocupava-se com o Brasil açucareiro, "voltado para o Atlântico" — dizia o próprio Sérgio em 1981 —, Sérgio procurava descortinar o país pelo lado das minas, voltado para o sertão. Se Gilberto conferira notável preeminência aos senhores dos engenhos e casas-grandes, Sérgio fazia emergir do "extremo oeste" atores nada aristocráticos — sertanistas e sertanejos, indígenas e mamelucos<sup>34</sup>. Nessas obras, o tom ensaístico adotado em *Raízes do Brasil* cedia lugar a um estilo mais duro e acadêmico, de trabalho balizado em fontes históricas mais que seculares. A interpretação era influenciada, segundo Maria Odila da Silva Dias, pelo pensamento historicista de fins do século XVIII e início do XIX, "na sua maneira de decifrar um passado nacional peculiar e diferente para cada povo, a partir da interação entre paisagem, sociedade e cultura"<sup>35</sup>. (Nesse sentido particular, pode-se sugerir que o modo de interpretar é o mesmo de *Raízes do Brasil*.) Na linha rigorosa de reconstituição e análise históricas de *Monções* e *Caminhos e Fronteiras* situa-se *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil* (S. Paulo, Nacional, 1959), obra que se projeta no conjunto da obra de Sérgio, ao lado de *Raízes*, por uma marca particular de grandeza: o recurso ao método comparativo, a preocupação de assinalar a distinção entre colonizador português e espanhol, entre pensamento medieval e renascentista, na unidade aparente dos projetos de colonização do Novo Mundo. Depois de *Visão do Paraíso* — tese de conquista de cátedra na Universidade de S. Paulo —, Sérgio Buarque não abandonou o tema, dedicando-se durante as décadas de 50, 60 e 70, com interrupções, à preparação de outro livro sobre o povoamento dos "sertões ocidentais". De suas pesquisas resultou *O Extremo Oeste*, obra inacabada, publicação póstuma de 1986 (SP, Brasiliense e Secretaria de Estado da Cultura), que reafirma, nas palavras de Francisco Iglésias, a "lúcida visão do devassamento do território" — a visão que se prolongara desde *Monções*.

Durante as interrupções mencionadas, Sérgio dedicou-se à direção da *História Geral da Civilização Brasileira* (S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960-1972), para a qual redigiu vários capítulos. Foi então que se desviou do tema eleito de três décadas. De uma feita, elaborou um ensaio sobre "A Herança Colonial — sua Desagregação", para o terceiro volume da *História Geral*. Este ensaio, ainda segundo Iglésias, "faz lembrar, pela altitude, *Formação do Brasil Contemporâneo*", de Caio Prado<sup>36</sup>. De outra feita, escreveu todo o quinto volume da série — a história política do advento da República (*Do Império à República*, 1972), em dezenove capítulos. Alguns anos depois, Sérgio anunciava estar coligindo nova documentação sobre "navegações fluviais setecentistas e oitocentistas e seus reflexos na vida brasileira" (p. XIII, 2. ed. de *Monções*, 1976). Era o retorno à antiga preocupação temática, que resultaria no texto a que já aludi, e que deixou por terminar — *O Extremo Oeste*.

(30) Todos os livros de Caio Prado Júnior, a partir de 1945, foram publicados em S. Paulo pela Brasiliense, editora por ele fundada em 1943.

(31) M.A. Garcia, "Um Ajuste de Contas com a Tradição", em D'Incao, *op. cit.*, p. 277.

(32) Ver Garcia, *ibid.*, e J. Gonsalves Mello, "O Economicismo em Caio Prado Júnior", *Novos Estudos Cebrap* (18), set. 1987, pp. 42-48.

(33) Cf. Jacob Gorender, "Do Pecado Original ao Desastre de 1964", em D'Incao, *op. cit.*, pp. 260-269.

(34) A entrevista de Sérgio, concedida ao historiador Richard Graham em maio de 1981, está reproduzida em *Revista do Brasil* (número organizado por F. de Assis Barbosa) 3 (6) 1987:107. Ver, ainda, Richard M. Morse, "Meu Amigo Sérgio", *ibid.*, p. 130, e Maria Odila Leite da Silva Dias, "De Monções a Caminhos e Fronteiras", *ibid.*, p. 64.

(35) Silva Dias, M. O., *ibid.*, p. 66.

(36) As citações foram tiradas do artigo do Professor Francisco Iglésias, "Evocação de Sérgio Buarque de Holanda", *Revista do Brasil* 3 (6):124, 127.

*Linhas Divergentes*

Procurei resumir o itinerário intelectual de Sérgio Buarque e Caio Prado, apontando a linha ascendente de suas trajetórias. Destas se distanciou a linha (descendente) percorrida por Gilberto Freyre. Enquanto seus companheiros de viagem, a partir da década de 40, tiravam de suas próprias obras-primas de início de carreira o fermento para a consolidação de uma produção científica vigorosa e coerente em seu conjunto, o sociólogo/antropólogo/historiador/escritor de Apicucos dedicava-se à geração algo anárquica de textos menores e réplicas variadas, extraídos, é verdade, da grande matriz intelectual dos primeiros tempos, mas frutos de interesses circunstanciais pelo trópico, pela cultura hispânica, pela medicina, pela moda, pela reforma agrária, pelo pós-moderno etc. Tudo somado, o conjunto da obra dos anos 50 e mais — para demarcar aproximadamente, como já sugeri, o momento de inflexão da trajetória de Gilberto — dá ao leitor familiarizado com os clássicos anteriores a impressão nítida de algo "já visto", ou já lido... A argumentação não se renova nem se aprofunda nas novas obras. Já não há hipóteses ou idéias geradoras. Há, sim, aqui e ali, intuições ou *insights* esclarecedores, como em *Sociologia da Medicina* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1967), mas são peças soltas, sem um plano geral ou painel explicativo que lhes dêem sentido. Tudo isso sugere que não há, a rigor, como falar de "conjunto da obra" para o período pós-45 ou 50 — como fiz há pouco —, pois o que faltou aos escritos gilbertianos dessa época foi, precisamente, a unidade e a textura necessárias para a construção de uma obra de vida inteira. Na fase de declínio, Gilberto tornou-se díspar, descosido e repetitivo.

Isto posto, uma palavra cordial de advertência ao leitor seduzido pelo charme (sempre presente) dos textos do segundo Gilberto Freyre — aquele dos anos 50 em diante. Não faltam nem faltarão estudos, a meu ver equivocados, para validar "cientificamente" aquela sedução<sup>37</sup>. Para esse leitor, talvez o presente artigo devesse terminar neste ponto, pois as páginas seguintes visam apenas explicar aquilo que, para críticos mais entusiastas, jamais ocorreu — a trajetória descendente da produção gilbertiana a partir de meados do século.

*A queda: o espírito da aldeia*

Simulação, termo científico *hi-tech*, é o outro nome do faz-de-conta. Pois façamos de conta que na volta do exílio Gilberto houvesse fixado residência no Rio de Janeiro. E mais ainda, que o projeto de construção da Universidade do Distrito Federal tivesse vingado, e Gilberto desenvolvesse aí uma vida docente regular<sup>38</sup>. Sua trajetória após 1950 teria sido outra? Possivelmente, sim. Mas nem uma nem outra coisa ocorreram, e o sociólogo pernambucano terminou optando em definitivo pela terra natal. Ao invés da cadeira de antropologia na natimorta Universidade do Distrito Federal, aceitou a nomeação de "professor extraordinário" de sociologia na Faculdade de Direito do Recife, cidade que permaneceu, vida afora, como o eixo de sua movimentada carreira. Então o retorno definitivo a Recife foi um equívoco? É certo que Recife não poderia chamar-se, nos idos de 30, de "centro intelectual" ou algo assim, sem que se ajuntasse a esses o termo "provinciano". Ou seria uma periferia dentro da própria periferia<sup>39</sup>? Mas nem por

(37) Inúmeros exemplos existem em um volume de homenagem ao Autor, publicado em 1962 pela José Olympio: G. Amado et al., *Gilberto Freyre: sua Ciência, sua Filosofia, sua Arte*, Rio.

(38) Anísio Teixeira foi o mentor do belo projeto de criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, que no entanto não resistiu à oposição de grupos conservadores da era varguista, e foi interrompido em 1939 (ver S. Schwartzman et alii, *Tempos de Capanema*, Rio, Paz e Terra; S. Paulo, EDUSP, 1984, e Maria Hermínia Tavares de Almeida, "Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro", em S. Miceli, org., *História das Ciências Sociais no Brasil*, Vol. 1, S. Paulo, Vértice, 1989, esp. pp. 196-198).

(39) Assim referiu-se um mineiro — Simon Schwartzman — a outra província de nosso país periférico. Ver S. Schwartzman, "Intellectual Life in the Periphery: A Personal Tale", preparado para a conferência em homenagem a Edward Shils, Un. da Califórnia, 1985 (mimeo).

isso a capital pernambucana poderia ser considerada um túmulo da imaginação social, responsável pela estrela cadente de Gilberto aí pelos anos 50. Ninguém ignora a existência de um reduzido mas vigoroso grupo de intelectuais recifenses de várias gerações, desde Ulisses Pernambucano, higienista, psiquiatra e reformador atuante, até pesquisadores de porte nacional e internacional, como os historiadores José Antonio Gonsalves de Mello e Evaldo Cabral de Mello — todos parentes de Gilberto<sup>40</sup>.

Se a culpa não cabe a Recife, então a quê? Parece-me que o equívoco de Gilberto Freyre não foi o retorno a Recife, mas o modo pelo qual construiu sua vida intelectual naquela cidade. Em uma palavra, errou ao orquestrar um culto, em seu redor, a que sempre presidiu "contente e insaciável" (Ribeiro, *op. cit.*, p. 63). Os elogios, homenagens e comemorações, longe de estimulá-lo a renovar-se e a superar-se, exerceram sobre seus trabalhos posteriores a 1945/50 um efeito semelhante àquele que — lê-se em *Casa-Grande & Senzala* — o "óleo lubrificante" da miscigenação teria exercido sobre os conflitos raciais no Brasil: amolecendo-os. Tirando-lhes o caráter explosivo.

Para Robert M. Levine, um típico Leão do Norte (como eram conhecidos os pernambucanos ilustres do passado) era "refinado, capaz de pontilhar uma conversa com citações dos clássicos e demonstrar, de passagem, conhecimentos de francês, inglês, e mesmo do alemão ou italiano" (Levine, *op. cit.*, p. 119; minha tradução). Aqui cabem, talvez, duas observações: em primeiro lugar, essa "cultura de livraria", de importação de "novidades" (J. Cruz Costa) é muito anterior a Apicucos. Esse código de bons modos foi gerado na região da velha aristocracia do açúcar, e daí alcançou, durante o Império, as elites de outras regiões do país. Não é outro o código prescrito para toda a Corte nos diálogos recriados por Machado de Assis no conto "Teoria do Medalhão". Em segundo lugar, enquanto ao findar da Primeira República, no sul do país, essas regras de conduta de elite já não encontravam eco, em Pernambuco o espectro de um Tobias Barreto, por exemplo, ainda causava impacto sobre o cenário intelectual local. Morto em 1889, as idéias e o estilo pessoal desse disparatado filósofo da Escola de Direito — sua "retórica palavrosa" (G. Amado), seu "filoneísmo" germânico, sua "irresponsabilidade intelectual" (J. Cruz Costa) — ainda inspiravam combativos Leões do Norte nos tempos da Primeira República<sup>41</sup>.

Pois esse é o quadro que Levine foi diagnosticar, com perspicácia, já nos dias de grandeza de Gilberto Freyre. Com uma economia de fogo morto, sem dinamismo, a sociedade pernambucana pós-30 mantinha as condições favoráveis para que o espírito de aldeia (no dizer de Gilberto Amado) acabasse permeando o tecido cultural e sócio-político do estado, do parlamento aos meios intelectuais. Havia brechas, é claro, e por elas carreiras ilustres, como a de Ulisses Pernambucano de Mello, firmavam seu lugar no estado<sup>42</sup>. Mas eram caminhos difíceis, mesmo porque o ambiente da "aldeia" era compacto e tentacular — laços de toda natureza, inclusive de parentesco, uniam as oligarquias retrógradas aos grupos intelectuais. Esses grupos viviam freqüentemente sob a sombra e o soldo das camadas oligárquicas (Levine, *op. cit.*, pp. 107-123, 204).

Um "intelectual de província", note-se, não era "mais provinciano" em Recife do que em S. Paulo, em Maceió do que no Rio de Janeiro. Em sentido amplo, esse tipo podia ser um revisor de jornal de circulação regional, um político, um professor da Escola de Medicina ou Direito, um escritor menor etc. O que caracterizava essas figuras, seja no Recife das primeiras edições de *Casa-Grande & Senzala*, seja no ambiente da *Paulicéia Desvairada*, era a falta de brilho próprio, a cul-

(40) Ver Robert M. Levine, *Pernambuco in the Brazilian Federation, 1889-1957*. Stanford Univ. Press, 1978, pp. 70-71, 109. Ver, ainda, o estudo de Luiz Felipe de Alencastro, "Desagravo de Pernambuco e Glória do Brasil: A Obra de Evaldo Cabral de Mello", *Novos Estudos Cebrap* 26, março de 1990, pp. 219-228.

(41) J. Cruz Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, Rio, Civilização Brasileira, 1967, pp. 284-293, e Ivan Lins, *História do Positivismo no Brasil*, SP, Nacional, 1967, p. 520.

(42) Carreiras de destaque também se firmaram no campo literário. Foi o caso de integrantes do grupo "modernista" de Recife, como José Lins do Rego, cujo nome conquistou projeção regional e nacional.

tura de ornamento, o apreço pela retórica, a francofilia (anglofilia ou germanismo, seguindo modas regionais). Ora, o que terão em comum Gilberto Freyre e esses pequenos intelectuais da província? Nada, se pensarmos no Gilberto "cigano" e anarquista, antimedalhão, espontâneo, irreverente e demolidor dos primeiros tempos, mas muito em comum com o segundo Gilberto. As primeiras homenagens internacionais, nos anos 40, coincidem com as primeiras avaliações negativas feitas pela nova geração de críticos brasileiros — já em 1944 A. Candido reagia com firmeza as limitações do método cultural gilbertiano<sup>43</sup>, e Gilberto passava, então, a estimular um coro local de incensadores que abafava, diligentemente, todo ruído crítico, e fazia enorme estardalhaço diante de uma resenha elogiosa. Nesse cenário processou-se a abertura, de par em par, das comportas que separavam, até então, o mundo provinciano de Recife e o "mundo do trabalho" de Gilberto. Reflexos dessa união infeliz, a meu ver, foram o desfibramento da interpretação, nos livros que se seguiram, e seu tom superficial, de sarau literário. Significativamente, como se fosse um desses velhos pensadores de província, um Positivista de fim-de-século que precisasse mostrar-se ao corrente de tudo que se passava no Velho Mundo, Gilberto virou um citador incontável — acrescentando ainda os nomes famosos do Novo Mundo. Por exemplo, em *Como e Porque Sou e não Sou Sociólogo* (Brasília, Ed. Un. de Brasília, 1968), não se contenta em sedimentar seu argumento com algumas referências bibliográficas, mas desanda a listar autores norte-americanos em profusão. Paradoxalmente, quanto mais internacional se tornava, mais transpareciam certos cacoetes de estudante, como o de referir-se, com humildade afetada, ao "Professor Robert A. Nisbet", ao "Professor Alfred Mc Clung Lee", ao "Professor Claude Lévi-Strauss".

Entre dois caminhos possíveis para a consolidação de sua carreira na periferia — de um lado, o trabalho intelectual sem alarido, a sociabilidade discreta sem autopromoção, e de outro, o trabalho festejado com fogos de artifício, como se cada novo livro exigisse um encontro internacional para discuti-lo — Gilberto Freyre escolheu o caminho mais fácil e *ego inflating*. A opção pelo cenário grandioso não fazia concessões: um emprego público, a que muitos companheiros de ofício recorriam, era insuficiente. Gilberto conquistou não um emprego, mas uma instituição inteira para si — o Instituto Joaquim Nabuco, sobre o qual desde 1949 até sua morte exerceu inquestionável influência<sup>44</sup>.

#### A queda: *vanitas vanitatum*

Até aqui tratei do cenário cultural em que a obra gilbertiana sofreu acentuado desgaste, mas não aponte seus prováveis motivos. Agora talvez se esclareça porque sugeri, mais atrás, que o retorno de Gilberto a Recife não "causou" a fragilidade posterior de sua obra. O espírito de aldeia, com efeito, precipitou os problemas apontados — mas não os causou. Recife não teria proporcionado o cenário desfavorável para a carreira de Freyre não fossem certas características de seu universo pessoal de trabalho que, somadas à vida na periferia, acabaram por minar, ao longo do tempo, as qualidades indiscutíveis dos primeiros escritos gilbertianos. (Essas dimensões pessoais foram o orgulho ferido e a vaidade.) O outro lado da argumentação tem a ver com o Rio de Janeiro, onde Gilberto Freyre por pouco não fixou residência, durante a década de 30. Quando, na seção anterior, afirmei que a permanência de Freyre no Rio possivelmente teria evitado o desvio

(43) in Mário Neme (org.), *Plataforma da Nova Geração*. Porto Alegre, Globo, 1945. A referência está em CG. Mota, em sua *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. S.Paulo, Ática, 1977, p. 53.

(44) Para um levantamento recente da história da instituição, ver P. Freston, "Um Império na Província: o Instituto Joaquim Nabuco em Recife", in S. Miceli, org., *op. cit.*, pp. 316-358.

de sua brilhante trajetória, pensava na vida cultural mais rica do Distrito Federal, atenuando, talvez, seu "narcisismo de pernambucano"<sup>45</sup>.

Causa espanto ao leitor de Gilberto Freyre a persistência quase doentia da autopromoção, estimulada pelos fã-clubes do Recife, precisamente quando o Autor consagrava-se internacionalmente, a partir da década de 40! Esses espetáculos constrangedores de vaidade teriam sido provocados pelas primeiras reações negativas por parte da crítica brasileira. Mas o efeito, nesse caso, foi desproporcional em relação à causa. Tantos autores de sua geração foram duramente criticados — basta lembrar as arengas contra o "homem cordial" de Sérgio Buarque —, sem terem resvalado para a semostração freyriana.

O fato é que o narcisismo de Freyre virou motivo de *gossip*, como se levasse graça ao personagem. Darcy Ribeiro diz simpatizar com Gilberto porque "como eu, gosta que se enrosca de si mesmo. Saboreia elogios como a bombons" (Ribeiro, *op. cit.*, p. 63). Roberto DaMatta já não é tão tolerante, mas ao notar a atração "pelo elogio e pelo poder", "a adoração pelas honrarias" etc, não parece ver nestas características, como eu vejo, um impacto negativo sobre a obra gilbertiana<sup>46</sup>. Quanto à atitude do próprio Gilberto, este explora o elogio-bumerangue, à la Darcy Ribeiro, cortejando a si mesmo quando enaltece alguém ou perdoa-lhe a excessiva vaidade. Por exemplo, sobre Oliveira Viana: "[...] era, como quase todo intelectual que se preza, vaidoso e, além de vaidoso, intolerante de críticas. Como, aliás, quase todos os autores de livros: vaidosos e intolerantes de críticas" (G. Freyre, *Como e Porque...*, p. 138). Sobre Joaquim Nabuco: "Do narcisismo que alguns lhe atribuem, talvez se possa dizer que foi antes um narcisismo de pernambucano a contemplar-se constantemente nas águas de sua Província e a recordar-se frequentemente dos canaviais da sua meninice de aristocrata de casa-grande [...], do que um narcisismo simplesmente individual. É a identificação da pessoa com a província."<sup>47</sup>. Nessas frases de belo efeito, Gilberto de fato perdoa seus próprios pecados, ao mostrar-se condescendente com o narcisismo "de todo intelectual que se preza".

Tudo estaria bem, e Gilberto poderia narcisar-se à vontade, não fosse o efeito perverso deste traço de personalidade sobre sua trajetória intelectual. O dia em que se escrever — ao modo de Norbert Elias — uma sociologia do comportamento narcisístico no mundo intelectual, o Brasil terá fornecido o caso trágico de uma obra genial, cujo encanto se perdeu, por futilidades, nas águas do Capibaribe. Nada importam, devo frisar, as idiossincrasias e a frivolidade de Gilberto Freyre, a não ser na medida em que se refletiram diretamente em sua carreira. O que distingue precisamente sua biografia pessoal é o modo direto e demolidor — sem filtros, sem catarse — pelo qual o sentimento de vaidade impregnou sua obra. Por este motivo, por levar sombra ao conjunto da obra do segundo Gilberto, é que cabe afinal perguntar: por que tanto *merchandising* de si próprio, por que se fez tanta promoção, tanta fanfarra em torno de Apicucos?

Diria que tudo começou com a aventura cosmopolita — mais precisamente, com o estalo mental que essa experiência provocou no jovem intelectual da província. Duas marcas profundas foram deixadas pela vida na metrópole. De um lado, o impacto revolucionário que conformou a grandeza de sua obra inicial. De outro lado, a *overdose*, a expectativa exagerada de tornar-se uma figura internacional, e a incapacidade de conviver com os primeiros sucessos sem "perder a cabeça". Estas duas dimensões serão analisadas a seguir.

O impacto cosmopolita sobre o jovem pernambucano criou um padrão de trabalho intelectual que era revolucionário para a imaginação social do Brasil de

(45) São palavras do próprio Freyre, referindo-se ao "narcisismo" de Joaquim Nabuco. Ver nota de 47.

(46) R. DaMatta, "A Originalidade de Gilberto Freyre", *BIB* n° 24, 1987, p. 7, e "A Hora e a Vez de Gilberto Freyre", *Folha de S. Paulo*, 24 de julho de 1987, p. B-5.

(47) Ver G. Freyre, "História", em Aroldo de Azevedo e Gilberto Freyre, "Pernambuco: Leão do Norte", *Enciclopédia Barsa*, Vol. 10, Rio, Enc. Britannica Ed., 1965, pp. 398-404.

30. Com o aparecimento de *Casa-Grande & Senzala*, historiadores sociais como o influente Oliveira Viana repentinamente tornaram-se *faisandés*<sup>48</sup>. Tão importante como as novas idéias, métodos, paradigmas etc, que Freyre apresentou em seus livros da primeira fase, foi a própria concepção renovada do (múltiplo) papel do intelectual, que brotou de seu contacto com o exterior. Frente à antinomia *scholar/cidadão*, Gilberto assumiu a difícil e tensa vivência da dupla identidade (nestapimeira fase, e apenas nesta fase). Pelo lado da atividade engajada de cidadão, assumiu antes o papel de agitador cultural do que de reformador político, em que pesem suas campanhas antigetulistas em Recife e sua participação na Constituinte de 1946. Gilberto foi um "agitador" na abordagem da questão racial, na experiência abortada (pelos usineiros) de pesquisa sobre as relações de trabalho no campo<sup>49</sup>, no tratamento, ousado para a época, que deu ao tema do homossexualismo, da subordinação da mulher e da duplicidade da moral masculina na vida brasileira.

Mas o impacto cosmopolita não parou aí. No fim dos anos 40, Gilberto revelou seu modelo de intelectual-cidadão, calcado na figura de Walt Whitman. (Este já era, assinala-se, uma referência de Gilberto recém-chegado ao Brasil<sup>50</sup>.) Cito a seguir um texto surpreendente e revelador, de uma conferência que fez em 1947, no Rio de Janeiro, em homenagem ao poeta, ensaísta e polemista norte-americano. A surpresa que aguarda o leitor será talvez a mesma que tive quando li este texto pela primeira vez (Gilberto está, na verdade, compondo seu auto-retrato, quase sem retoques).

*A América de hoje — e quando digo América refiro-me a todas as Américas e não apenas à mais rica e tecnicamente mais adiantada — [...] se encontra [...] no Whitman que foi um dos maiores homens-orquestra de todos os tempos; um polifônico e não apenas uma voz só. [...] No Whitman cheio de antagonismos e contradições e não um coerente, muito menos um lógico; um adolescente já depois de homem feito e, ao mesmo tempo, um homem com cabelo e barba de velho aos trinta anos; um imperfeito, um agreste, um inacabado e, ao mesmo tempo, um clássico; um amigo de Emerson e admirador de Lincoln e, ao mesmo tempo, um homem tão compreensivelmente humano que não se envergonhou nunca de conviver com rufiões; o anglo-americano que primeiro exaltou em poema a figura de uma negra; o americano saído da classe média que nem se revoltou contra a classe média nem se limitou como poeta a ser de uma classe ou de uma raça ou mesmo de um sexo; que não quis ser o poeta exclusivo do ideal de uma classe ou de uma raça, de um credo religioso ou de um sexo, de um movimento ou de um país, mas o camarada de todos os americanos, de todos os seres humanos em busca de dias senão melhores mais fraternais para a América e para a humanidade.*<sup>51</sup>

Todo leitor de Gilberto Freyre terá identificado no trecho dessa conferência magistral o perfil de G.F. por ele mesmo. Ou melhor, o perfil que gostaria que outros traçassem de si. A grandeza da figura inspiradora torna-se, já, um sinal da *overdose* cosmopolita, uma pedra no caminho do mestre de Apicucos. Isto porque não se trata de modelo que servisse de parâmetro de conduta — um *specific other*, no dizer dos interacionistas simbólicos —, mas, mais que isso, nosso autor

(48) Não me refiro às idéias políticas da época, é claro, pois o varguismo nascente se inclinava progressivamente em direção às idéias de Alberto Torres e O. Viana.

(49) Com Ulisses Pernambucano, Sílvio Rabelo e O. Montenegro (ver G. Freyre, *Nordeste*, Rio, José Olympio, 1967, 4. ed., p. 156.

(50) Cf. G. Freyre, *Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo*, UnB, 1968, p. 141.

(51) Em Gilberto Freyre, *O Camarada Whitman*, Rio, José Olympio, 1948, pp. 20-22. Gilberto apenas substituiria, aqui e ali, os traços desse retrato de dupla face. Sai Emerson, entram seus incontáveis amigos do mundo das letras; sai Lincoln, entra... Vargas, se não Salazar?

já vai-se vendo como a própria reencarnação do modelo. O narcisismo de Gilberto não encontra mais limites. O ano era 1947 e, como venho sugerindo, dali em diante sua vaidade insaciável acabaria por embotar-lhe o espírito crítico e o poder criador. A aventura cosmopolita produzira uma figura genial, e logo fazia dela sua primeira vítima no Brasil.

Que condições levaram Gilberto, nos anos 30 e início da década de 40, ao delírio narcisístico que marcou a segunda fase de sua carreira? É nesse ponto que cabe retomar as considerações sobre orgulho e vaidade feitas na introdução. Cabe relembrar, ademais, o que ficou dito sobre os primeiros contactos do jovem estudante com a vida universitária no exterior — sua constatação, "na pele", do que banalmente se chama hoje de "choque cultural". E finalmente, o apelo às próprias "raízes hispânicas" (*apud* Darcy Ribeiro), como mecanismo de preservação de sua identidade em N. York. (As outras raízes da brasilidade, como a herança africana, não fariam sucesso algum naquele tempo, na atmosfera pesada do racismo norte-americano.) A auto-imagem de Gilberto, trincada pela experiência inicial de *boy from Brazil*, recompôs-se rapidamente através dos mecanismos de defesa aludidos. Mas o importante é que o self daquele jovem sensível e aluno brilhante era o de um estudante — ele poderia, por hipótese, emular o Professor Boas durante todo o tempo de permanência no exterior; entretanto, nem por um instante seus trabalhos seriam avaliados como se fosse ele um Boas... O padrão de medida era o de um aluno de mestrado.

Outra situação vivia Gilberto Freyre nos anos 30 e 40. Modelo e seguidor já não guardavam a enorme distância intelectual do tempo de Gilberto-estudante. Os modelos forneciam-lhe parâmetros pessoais, mas era possível agora, para o autor de *Casa-Grande & Senzala*, a construção e preservação de sua identidade como um igual. Em primeiro lugar, ao voltar da América trazia na bagagem o figurino dos *litterati* cientistas da geração européia e anglo-americana de 1890. Da linha de frente da chamada "reação antipositivista"<sup>52</sup>, trazia a influência de grandes nomes como Croce, Simmel e Weber; de Franz Boas, patriarca de outra tribo, herdava a permanente tensão entre o apego positivista aos métodos da ciência natural e o respeito pela tradição das "ciências do espírito"<sup>53</sup>; de Walt Whitman, o impacto que este exercera sobre a Geração de 1890, na Europa<sup>54</sup>, se estendia a Gilberto — como se viu em passagem anterior — acrescentando à sua bagagem a influência sedutora da expressão literária. (Anos depois, o Autor de *Interpretação do Brasil* sublinhou, nesta e em outras obras, o papel de "formador da nacionalidade" que o intelectual deveria assumir, tal como Walt Whitman fora para a América de língua inglesa o poeta do "espírito americano" e o "espanholíssimo" Unamuno, o intérprete da Espanha — sem deixarem, ambos, de produzir uma obra de inspiração humanista universal<sup>55</sup>.)

Isto posto quanto aos modelos inspiradores do primeiro Gilberto, acrescenta-se à escolha de figuras grandiosas um segundo parâmetro de conduta: a preservação do orgulho de intelectual. É o que se pode ver no seguinte trecho de *Além do Apenas Moderno* (1973), em que Gilberto Freyre comenta as idéias de um ensaísta norte-americano que ele conhecera desde 1924:

*Quando Randolph Bourne perguntou aos intelectuais e aos artistas do seu país "when shall we learn to be proud? For only pride is creative", quis referir-se àquele orgulho, da parte do intelectual ou do artista — orgulho de si mesmo e da sua obra ou orgulho de sua nação ou de valores de cultura*

(52) H. Stuart Hughes, *Consciousness and Society*, N. York, Vintage, 1961, cap. 2.

(53) George W. Stocking, Jr., "Ideas and Institutions in American Anthropology: Thoughts toward a History of the Interwar Years", in G.W. Stocking, Jr. (org), *Selected Papers from The American Anthropologist, 1921-1945*, Washington, D.C., American Anthropological Association, 1976. Ver esp. pp. 1-9.

(54) Sobre Whitman e os temas urbanos da literatura alemã do fim do século passado, ver Roy Pascal, *From Naturalism to Expressionism: German Literature and Society*, N. York, Basic Books, 1973, p. 143; sobre W. Whitman na França e Itália da mesma época, consultar a introdução de Umro Apollonio à coletânea editada pelo mesmo Autor: *Futurist Manifestos*, N. York, Viking, 1973, pp. 15-16.

(55) Ver G. Freyre, *O Camarada Whitman*, op. cit., p. 40, e *Para Além do Apenas Moderno*, Rio, José Olympio, 1973, pp. 130, 220-224. Comparece, ainda, esta passagem de G.F., no "Prefácio" *Casa-Grande & Senzala* (Rio, J. Olympio, 1946, 5. ed., p. 17): "Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas [na Universidade de Columbia, 1920-22]. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração, da nossa maneira de resolver questões seculares" (meus grifos).



*mais característicos de uma nação e até de uma cidade — que talvez seja — mesmo quando tal orgulho se extrema, como [...] num Whitman ou num Joyce, num Malraux ou num Unamuno — inseparável da independência crítica ou da liberdade criadora.*<sup>56</sup>

Por aí se observava a importância, em G. Freyre, do sentimento de orgulho, desde aquele que é centrado no *self* do intelectual até o que se traduz em sentimento nacional ou da nacionalidade, referido ao intelectual-cidadão. Como indiquei no princípio, estes sentimentos ("pessoal" e "cívico") de orgulho estiveram intimamente associados ao percurso intelectual de Gilberto. Quanto ao "orgulho de sua nação", posso exemplificar agora o que apenas sugeri antes, lembrando aquela conhecida passagem do Prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*: em 1920 ou 1921, diz Gilberto, "depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil", encontrou no Brooklin um grupo de marujos brasileiros, cafusos e mulatos adoentados, que lhe deram a impressão de "caricaturas de homens"<sup>57</sup>. Esta visão dos compatriotas achacados representou, a meu ver, um dos sinais mais fortes do sentimento de orgulho ferido, de intelectual e cidadão, que Gilberto Freyre traria consigo poucos anos depois, de volta ao Brasil.

Ao referir-me ao sentimento de orgulho nacional (ferido ou não...) cabe uma palavra de cautela: não me refiro aqui ao "destino" ou "caráter" nacional, à conceituação voluntarista de nação que acabou atraindo o segundo Gilberto, e desaguou no "lusotropicalismo". Falo do sentimento nacional na acepção de Maxime Rodinson: um modo de identificação elementar, "facilmente reconhecível, não-crítico, não exigindo elaboração ou tomada de consciência, como frequentemente [exige] a consciência de classe". Um modo de identificação do indivíduo ao grupo, originado por trajetórias comuns de vida em tempo e território determinados<sup>58</sup>. Foi este sentimento nacional — ferido — que aportou com Gilberto em seu regresso do exterior. Trazia o orgulho ferido de intelectual e cidadão de país sem voz nem vez no plano político-econômico internacional. Trazia, ainda, a percepção de que os trabalhadores nacionais eram caricaturas do trabalhador de "raça forte", e a consciência do atraso cultural do Brasil. As palavras do poeta Rabindranath Tagore haviam resumido tudo: "Ah, yes, from Brazil...".

De volta ao Brasil, do orgulho ferido ao cultivo das vaidades foi um passo. Depois de 1940, o percurso intelectual de Gilberto Freyre obedeceu ao impulso de estratégias desastradas de preservação do *self*. Tudo contribuía para o malogro. O mundo intelectual rarefeito, a tradição universitária muito recente e o atraso geral do país tornavam improvável a recuperação do orgulho perdido e o diálogo, de igual para igual, com os grandes nomes internacionais. Como sugeri em seção anterior, a opção pelo Rio de Janeiro teria sido a mais indicada, caso Gilberto tivesse escolha. O contacto com a intelectualidade carioca, a convivência universitária (ainda planta-nova), e a agitação da vida política da capital federal poderiam ter minorado o efeito da província sobre a obra posterior de Freyre. Sua experiência internacional poderia encontrar no Rio um campo menos desfavorável que Recife para brotar e dar frutos, através do convívio com os intelectuais estrangeiros, contratados pela efêmera Universidade do Distrito Federal e pela Universidade do Brasil.

Essas possibilidades de constituição do *self* reduziram-se diante de sua opção por Recife. Já se conhecem os resultados dessa opção: o cultivo sem limites das vaidades intelectuais e profissionais, a crença (ilusória a partir de certo ponto)

(56) Em 1924, em trabalho intitulado "Apologia Pro Generatione Sua" (incluído em *Região e Tradição*, Rio: J. Olympio, 1941), G. Freyre já indicava interesse pelo pensamento do escritor R. Bourne, que publicou, em 1920, *History of a Literary Radical and Other Essays*.

(57) Em *Casa-Grande & Senzala*, 5. ed., 1946, pp. 17-18.

(58) A atuação do sentimento nacional, diz Maxime Rodinson, tem sido subestimada na tradição marxista. Citando a Argélia para ilustrar a força dos valores de nação, ele lembra que esses valores poderiam impedir, na Argélia colonial, que um argelino "virasse francês" — mesmo que desejasse assumir a nacionalidade do colonizador. Entretanto, a mudança da posição de classe, de assalariado para patrão, era possível para o colonizado. Rodinson aborda o tema em artigo sobre "Le Marxisme et la Nation", *L'Homme et la Société*, Jan./Março 1968, nº 7, pp. 131-149. Ver esp. pp. 145-146.

no brilho internacional da carreira, e o progressivo embotamento da crítica e da criação. O "orgulho de si mesmo", de que falava o crítico norte-americano, dissolveu-se em Gilberto no culto à vaidade e ao elogio — como se ele procurasse, em sucessivas demãos de verniz barato, fazer desaparecer a camada mais funda da sensibilidade ferida. Daí porque o recurso a estes mecanismos compensatórios se tornava cada vez mais freqüente, e tanto mais corruptor da própria integridade da obra, à medida que os festejos para Gilberto no exterior se iam escasseando, até desaparecerem de vez nos últimos quinze ou vinte anos<sup>59</sup>. Na verdade secava assim a última fonte de sustentação do ego de Gilberto. Quanto à crítica nacional, esta já partira há muito para o ataque — não raro superficial e desmedido — ou para o silêncio desdenhoso. Tudo isso mais e mais conduzia o mestre pernambucano, apoiado na claqué fiel mas enganadora, a consumir na autocontemplação e em obras superficiais todo vigor de seu engenho. O Leão do Norte já não rugia.

(59) Note-se que mesmo os escritos internacionais sobre Freyre, até 1970 ou 71, tratavam do primeiro Gilberto, e ignoravam suas obras recentes. (Ver meu artigo "E Pernambuco Falou para o Mundo", *Novos Estudos Cebrap* 18, set. 1987, pp. 22-32.)

### De volta aos companheiros de viagem

Da discussão precedente viu-se que a experiência cosmopolita, uma explosão de criatividade sobre a obra inicial de Gilberto Freyre, teve o efeito de implodi-la uma década e meia mais tarde. O tiro pela culatra não atingiu Sérgio Buarque e Caio Prado. Estes dois viajantes da Geração de 30 souberam filtrar do contacto com o exterior somente os ventos de mudança, sem caírem na malha das expectativas inconciliáveis que arrastaram Gilberto.

No que dizia respeito aos modelos inspiradores, Caio e Sérgio influenciaram-se antes por escolas de pensamento e métodos de interpretação, que trouxeram na bagagem de volta ao Brasil, do que por grandes personalidades. Ou por outra, não havia a sombra de um Boas ou de um Whitman, com quem procurassem rivalizar em grandeza. Não se comportavam como "um deles", ainda que fossem absolutamente exigentes consigo próprios na atividade intelectual. Sem dúvida, o padrão de trabalho tinha caráter universal<sup>60</sup>, e tal se deu durante toda a carreira de ambos — mas não buscavam a construção de um "nome internacional", como Gilberto. Essa estratégia por assim dizer mais reservada de trabalho não impediu que mesmo suas últimas obras guardassem a marca de grandeza dos primeiros trabalhos — a marca internacional de grandeza — ainda que jamais tivessem sido festejados no exterior<sup>61</sup>. Eram "intérpretes da nacionalidade", no sentido preciso que Gilberto discutira; escreviam sobre o Brasil, para brasileiros. E nesse esforço, suas obras, ainda que sem granjearem fama lá fora, atingiram uma dimensão universal. Com Gilberto deu-se o fato surpreendente: construindo uma carreira para uso externo, seu texto foi se tornando paroquial e irrelevante ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, honrarias, comemorações e inúmeras traduções no exterior confirmavam a notoriedade além-fronteiras. Diferentemente de Gilberto, Caio e Sérgio construíram carreiras "à prova" de expectativas de sucesso internacional, como se reconhecessem os limites do poder de fogo da *intelligentsia* da província. Entretanto, não recuaram, em momento algum, diante das exigências de rigor na pesquisa e na análise científicas. Por essas razões, Sérgio Buarque e Caio Prado poderiam ser chamados intelectuais na província, mas nunca intelectuais da província.

No que ficou dito acima, pode deduzir-se o grau relativamente tolerável — relativamente a Gilberto — das pressões que se exerciam sobre o processo de cons-

(60) Na acepção de Florestan Fernandes, quanto às normas, procedimentos e ideais do saber científico. Ver "O Padrão de Trabalho Científico dos Sociólogos Brasileiros", em *A Sociologia no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1977, pp. 50-51.

(61) Caio Prado teve alguns trabalhos traduzidos no exterior, como *Formação do Brasil Contemporâneo* (nos Estados Unidos), mas sempre esbarrou em dificuldades. Leia-se o depoimento de Danda Prado ("Meu Pai", em *D'Incao*, org., *op.cit.*, pp. 41-43), em que narra as tentativas inúteis de publicar nas revistas *La Pensée* e *Temps Modernes*, dois ensaios de Caio sobre Lévi-Strauss e Althusser. Quanto a Sérgio, nome respeitado nos círculos acadêmicos da América Latina e de alguns países europeus, não teve entretanto acolhida nos Estados Unidos: exceção, é claro, da projeção junto aos institutos de estudos latino-americanos daquele país. Nunca teve, aí, seus trabalhos publicados.

trução da identidade intelectual de Caio e Sérgio. Pode-se afirmar, numa palavra, que não houve — como no caso de Gilberto Freyre — um claro descompasso entre expectativas e realizações dos dois autores. Veja-se sob outro prisma como isso ocorreu. Gilberto procurava montar uma carreira para impressionar americanos e europeus, e nesse passo acumulava duplos ressentimentos — desde cedo, em relação a seus pares mais ao sul na Província, por não reconhecerem seu mérito internacional; e mais tarde, em relação a seus próprios colegas do exterior — os "outros significativos" para a constituição de sua personalidade intelectual —, à medida que constatava, com o passar dos anos, a redução do prestígio e do reconhecimento acadêmico que desfrutara antes. (Já assinalai que se festejava no estrangeiro, até o final dos anos 60, o Gilberto dos anos anteriores a 1945.) Nesse processo de acumulação de ressentimentos, Gilberto passou do orgulho ferido ao cultivo da vaidade e, por fim, ao harakiri intelectual.

Caminhos distintos percorriam Sérgio e Caio, que preservaram, vida afora, aquele "orgulho criativo", de que falava o próprio Gilberto em *Além do Apenas Moderno*. Sérgio construiu o *self* baseado na consolidação de uma discreta e produtiva carreira nacional, seja à frente de instituições de ciência como o Museu Paulista (1946-1956), seja na atividade acadêmica, primeiramente na Faculdade de Filosofia da efêmera Universidade do Distrito Federal (1935-1939) e, a partir de 1956, na Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo, que decidiu deixar em 1969, num ato de grandeza pessoal contra a intervenção, *manu militari*, na vida universitária brasileira. Alfredo Bosi assim qualifica o movimento de toda a carreira de Sérgio Buarque de Holanda: adagio e sostenuto<sup>62</sup>. Não fosse pela turbulência de certos momentos da vida política de Caio Prado Júnior, no mais os termos de A. Bosi se aplicariam à trajetória de Caio. (Note-se que Sérgio foi, igualmente, homem de posições firmes e grande generosidade política, mas dedicou-se menos do que Caio à militância.) A atividade política oferece uma chave para compreender-se a direção segura que Caio imprimiu à carreira. A militância deu-lhe o respaldo emocional para suportar reveses que Sérgio não conheceu: ter sido preterido para ensinar Economia Política na Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco e, mais tarde, ter encontrado, no dizer de Florestan Fernandes, resistências mesquinhas e intransigentes que inviabilizaram seu projeto de tornar-se professor de História na Faculdade de Filosofia da USP<sup>63</sup>. A cada golpe sofrido no plano do projeto universitário, Caio resguardava-se através do orgulho de militante inatacável. Noutro plano, respondia a tais reveses — em tempo adagio e sostenuto... — com a produção de trabalhos de cunho histórico e político, que se pautavam firmemente nos cânones científicos. Nestes dois caminhos — o político e o intelectual — Caio Prado Júnior revelava a marca da altivez tranqüila e criativa. As conseqüências da preservação do orgulho intelectual de Caio e Sérgio se fizeram sentir sob o ângulo pessoal. Florestan Fernandes chama atenção para o estilo de vida de Caio Prado, que "não precisava de exterioridades para se valorizar e impor", e sublinha sua coragem política, que o lançava "para fora e acima de si próprio"<sup>64</sup>. Quanto a Sérgio, é Francisco Iglésias quem assinala sua modéstia, que dispensava a "banda de música" em torno de seus trabalhos. Sérgio foi sempre, segundo Iglésias, "o menos promocional dos homens: não reunia em livros os artigos, não fazia citações da própria obra (alguns de seus contemporâneos citam-se a cada página ou reivindicam prioridade em tal idéia, assunto ou autor, em exibicionismo ingênuo ou pretensioso)"<sup>65</sup>. A carapuça do comentário final, já se vê, cabe perfeitamente aos maus modos de Gilberto Freyre. Entre os "emigrados" da década de 30, só Gilberto adotou, frente aos primeiros choques do regresso ao Brasil, uma estratégia

(62) A. Bosi, "Homenagem a Sérgio Buarque de Holanda", *Novos Estudos Cebap* (2) 1, nov 1983, pp. 49-53. Ver p. 50.

(63) Ver os depoimentos de Danda Prado e F. Fernandes em D'Incao, org., *op. cit.*, pp. 28-29, 41.

(64) F. Fernandes, *ibid.*, pp. 33, 39.

(65) F. Iglésias, em F. de Assis Barbosa, org., *op. cit.*, pp. 123, 127.

desastrada de construção e preservação do *self*, que iria comprometer a vitalidade de toda a sua obra depois de 1945.

### Lições para aprendiz

Todo grupo intelectual terá sempre sua *prima donna*. O presente texto não traz uma preocupação moral — uma condenação ética da vaidade e da autocomplacência, ou o elogio do orgulho e do sentimento de dignidade pessoal —, ainda que, como Hannah Arendt demonstrou, tal preocupação fosse perfeitamente legítima.

Quero, antes, propor que a conduta intelectual orientada para o exterior, e freqüentemente alicerçada no sentimento da vaidade pessoal, seja analisada do ponto de vista de sua instrumentalidade nos meios intelectuais do Brasil de hoje (como procurei fazê-lo para o Brasil da Geração de 30).

Meu argumento seria este: a personalidade narcisista à la Gilberto Freyre tem custos excessivamente altos para o intelectual da periferia. Nas últimas décadas, houve sensível elevação do número de pesquisadores do país cujos cânones de trabalho são rigorosamente internacionais e que adotam, ademais, *generalized others* norte-americanos e europeus. Cabe situar por que a meu ver a conduta narcisística, nos moldes freyrianos — o mirar-se permanentemente nas águas internacionais, buscando aprovação —, poderá trazer um enorme desgaste para a carreira científica dos cientistas de gerações mais jovens.

Tenhamos presente, de início, os contornos do quadro internacional em que se situa a produção brasileira. Em primeiro lugar, falamos uma língua que já se disse jocosamente estar "em extinção", que levanta um muro quase intransponível entre o Primeiro Mundo e o nosso. Em segundo lugar, fatores históricos (políticos, econômicos etc), independentemente da pouca difusão da língua portuguesa, impedem que nossa produção acadêmica seja uma referência para os grandes centros mundiais — ou, em outros termos, impedem que representemos *significant others* para pesquisadores desses centros. Por último, o interesse eventual de um cientista do Primeiro Mundo por trabalhos da periferia deve-se, via de regra, a dois fatores<sup>66</sup>: um interesse pelo pesquisador "nativo" como garimpeiro de dados de difícil acesso, que são então transferidos ao brasilianista; o respeito pela análise e interpretação de fenômenos locais, conduzidas por pesquisadores locais, que são trabalhadas ou refundidas pelo intelectual estrangeiro num plano teórico mais amplo ou num texto comparativo. Nessa segunda via, análises "regionais" feitas por brasileiros (sobre movimentos sociais, conflitos de terra, problemas ecológicos, questões indígenas e temas de igual interesse para instituições internacionais) somam-se aos textos de lavra africana, de outros países latino-americanos etc.

No quadro acima, bastante sucinto, deve-se notar a diversidade dos laços existentes entre centro e periferia, ainda que deixem — este é o ponto crucial — reduzida margem de ação para o pesquisador brasileiro. Vejamos alguns exemplos do modo pelo qual tal diversidade se manifesta (sempre com um impacto desfavorável para a província): a) a teoria da dependência, exemplo de produção "local" (fruto, por sua vez, do diálogo anterior com a tradição européia), difundiu-se no exterior através de uma espécie de "mercado paralelo" de idéias, em que os autores de maior cotação internacional (de língua francesa ou inglesa) tornaram-se

(66) Devo essas observações às idéias apresentadas por Simon Schwartzman em "Intellectual Life in the Periphery: A Personal Tale", *op. cit.*, pp. 11-12.

país adotivos da dependência, ocultando a paternidade de F.H. Cardoso e E. Faletto<sup>67</sup>; revisões teóricas ou esforços críticos de grande fôlego, realizados por intelectuais na periferia, foram ignorados ou desconsiderados nos grandes centros, ainda que houvessem precedido iniciativas semelhantes na própria matriz — citem-se aqui a leitura inovadora do funcionalismo, feita por F. Fernandes, e a crítica vigorosa a Louis Althusser, por J.A. Giannotti, que não tiveram o impacto merecido fora do Brasil; c) os trabalhos escritos por autores brasileiros costumam ter acolhida desfavorável junto às revistas de peso no exterior, restando-lhes o caminho das publicações de menor prestígio; d) os encontros científicos internacionais, dedicados a temas de interesse da A. Latina, exercem pouca ou nenhuma influência junto aos meios acadêmicos de excelência dos próprios países patrocinadores (dizendo de outra maneira, existe, em tais encontros, forte predomínio de intelectuais estrangeiros "de segundo time", em presença da nata da *intelligentsia* da América Latina; e) os institutos de estudos latino-americanos — os núcleos de estudos brasileiros, em particular — situados nos Estados Unidos, Canadá e Europa, só raramente têm prestígio internacional. (Todos esses exemplos, vale lembrar, são citados sem a preocupação de serem exaustivos, ou de apontar onde existe causa, onde há efeito.)

Posso agora sugerir, para as gerações mais jovens, o que me pareceu evidente para os tempos de Gilberto Freyre: do ponto de vista estratégico, o intelectual brasileiro que procure construir um "nome internacional" encontrará condições francamente desfavoráveis. Este quadro adverso irá originar fortes pressões sobre a própria integridade da produção intelectual, bem como, de modo mais amplo, sobre a auto-avaliação (negativa) da identidade intelectual. Frente aos primeiros insucessos, nosso aspirante ao Olimpo acionará, de modo compensatório, certos mecanismos de preservação do *self*. Entre estes, o narcisismo individual tenderá a predominar, e o espetáculo prolongado de congressos, comissões, consultorias e viagens internacionais acabará por minar — paradoxalmente — a própria solidez de uma obra que buscava aceitação internacional. Este é, e será, o destino de algumas das melhores cabeças de um país periférico. (Há, ainda, o possível caminho de um início bem-sucedido rumo ao Olimpo, mas a consolidação dos sucessos iniciais exige, via de regra, a "desterritorialização" da identidade e da produção. O intelectual "intérprete da nacionalidade", de que falava Gilberto Freyre, dificilmente sobrevive à vida além-fronteiras<sup>68</sup>.)

Frente a tantos problemas, que caminho seguir? Talvez se deva apenas apontar — como se fez no parágrafo anterior — o caminho a ser evitado. É tentador, no entanto, ir além do comentário prudente e sugerir que o diálogo nacional, construído sobre padrões rigorosamente internacionais, representa a estratégia mais indicada para o intelectual na periferia. Não se trata de um projeto autárquico de vida científica, que equivaleria a um encapsulamento da inteligência e a sua asfixia. Contra o fato da periferia, temos o argumento, apresentado por A. Candido há tantos anos, de que a interdependência cultural se impõe, através do contacto com a matriz e da influência recíproca<sup>69</sup>. No fundo, a produção das ciências humanas no Brasil seguiu este caminho — ainda que, como se sabe, no contacto com a metrópole tenhamos menos transferido idéias do que as tomado de empréstimo. Nessa transferência, a imitação servil ou a leitura leviana (pouco amadurecida, precipitada) de modelos franceses, americanos e alemães podem ser observadas em boa parte dos textos brasileiros de hoje e do passado recente, como se fossem enxertos malsucedidos. Ora, nada disso justifica o caminho do isolamento. A interdependência tem, de fato, uma dimensão histórica inelutável: o enxerto

(67) Entre os "dependetistas" mais citados estão autores de ex-Colônias de países de língua inglesa e francesa, como Samir Amin, Giovanni Arrighi, Arghiri Emmanuel e Pierre Jalée.

(68) Há, entretanto, o exemplo dos exilados políticos, que seriam exceções em relação ao destino adverso que parece colher mesmo os intelectuais periféricos de sucesso inicial junto às metrópoles.

(69) Antonio Candido, "Literatura e Subdesenvolvimento", *Argumento* (1) 1, outubro de 1973, pp. 6-24; ver esp. p. 18.

está feito, não há como fazer regredir nossa história cultural ao marco zero anterior à influência da metrópole.

O espírito da aldeia, longe de indicar algum traço de isolamento, representa, como no caso de Gilberto, um modo típico de orientação intelectual que poderia ser assim descrito: "de frente para a matriz, de costas para a província". Para superar essa orientação *hacia fuera* não cabe a postura inversa. Ao invés da analogia posicional, talvez a imagem que melhor traduza as exigências do trabalho intelectual na periferia seja a de uma "dupla representação", empregada na psicologia da Gestalt. (Uma figura pode ser vista alternadamente como a asa de um vaso ou o perfil de um rosto, ou um desenho pode representar tanto a forma de um coelho, quanto a de uma ave — como se observa na capa do N° 26 de *Novos Estudos Cebrap*, de autoria de Carlos Fajardo<sup>70</sup>.) Esta dupla identidade recai sobre os ombros do intelectual na periferia, condenado àquele necessário convívio entre localismo e universalidade, de que fala A. Candido.

No passado tivemos as carreiras bem-sucedidas de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, e já assinalamos a estreita vinculação entre a orientação valorativa de ambos e o sucesso de suas carreiras: Sérgio e Caio souberam ser *proud intellectuals* — teria dito Randolph Bourne<sup>71</sup> —, e tiraram daí os recursos para evitar os tropeços do parceiro Gilberto (*vain* Gilberto...), ofuscado pela luz da metrópole. Se Sérgio e Caio mantiveram o confronto tenso entre a orientação local e a cosmopolita, Gilberto, em sua segunda fase, provincianizou-se na mesma medida em que procurava internacionalizar-se. Esta última observação nos remete de volta ao presente: hoje como antes, o provincianismo pode grassar tanto às margens do Capibaribe, como junto às águas da Guanabara ou do rio Pinheiros. (Apenas para exemplificar.) Mais que isso, a circulação internacional de intelectuais da periferia, que se acelerou no segundo pós-guerra, tornou possível reduzir-se a distância entre "Mogi e Paris", de que falava o poeta. Assim, um número crescente de acadêmicos da periferia pode hoje envaidecer-se por viver temporadas em Paris, N. York, Boston, Londres ou Frankfurt, sem cuidar que o carimbo no passaporte não é vacina contra o provincianismo do segundo Gilberto (nem garantia, por si só, da sensibilidade *proud* de Sérgio ou de Caio). Como no exemplo dramático de Gilberto Freyre, o envaidecimento e o espírito de aldeia poderão, em conjunto, provocar o colapso da imaginação criadora e do senso crítico.

(70) A noção de "dupla representação" é do psicólogo gestaltista Kurt Koffka, em *Princípios de Psicologia da Gestalt*, S. Paulo, Cultrix, 1975. Devo este esclarecimento a Olga Pires de Camargo.

(71) Ver citação anterior, de Gilberto Freyre, e a nota 56.

Luiz Antonio de Castro Santos é professor do Depto. de Ciências Humanas e Saúde da UERJ e pesquisador do Cebap. Já publicou nesta revista "E Pernambuco Falou para o Mundo" (N° 18).